

MOTIVAÇÃO E INDISCIPLINA NO ENSINO SUPERIOR

¹Renata Prado Menighin,

Faculdade de Sergipe, rmenighin@hotmail.com

²Tauana Fabrícia Pereira Cândido,

Faculdade de Sergipe, tauanacandido@hotmail.com

³Valéria Barreto Soares,

Faculdade de Sergipe, valeriabarreto2010@hotmail.com¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de demonstrar a relação professor-aluno como forma de estímulo para fazer com que o aluno se motive e aprenda de maneira mais eficaz. Tornando-se imprescindível para tanto conceituar a motivação, discorrer sobre a prática motivacional do docente em meio às dificuldades dos alunos indisciplinados e perquirir a utilização de práticas motivacionais no universo letivo. Utilizou-se para tanto uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa. Reconhecendo que um dos desafios contemporâneos é utilizar o processo educacional para desenvolver no interior do indivíduo o impulso para agir, mental ou fisicamente, em função de uma aprendizagem mais eficiente. Concluindo-se que existe um caminho para que o aluno e o professor exercitem seu lugar dentro do espaço da sala de aula. PALAVRAS CHAVE: Motivação, Indisciplina e Educação.

ABSTRACT

This article aims to show the teacher-student relationship as a stimulus to cause the student to motivate and learn more effectively. Becoming indispensable to both conceptualize motivation, motivational talk on the practice of teaching among the students' difficulties and to assert the undisciplined use of motivational practices in the academic universe. It was used for both a bibliographical research, qualitative approach. Recognizing that one of the challenges today is to use the educational process to develop within the individual impulse to act, mentally or physically, due to a more efficient learning. Concluding that there is a way for the student and the teacher to exercise its place within the space of the classroom.

KEY WORDS: Motivation, Education and indiscipline.

¹ Bacharel em Direito – Universidade Tiradentes. Especialista em Docência do Ensino Superior (FASE).

² Bacharel em Educação Física – Universidade Tiradentes. Especialista Docência no Ensino Superior (FASE); MBA em Gerencia de Projetos (FANESE)

³ Bacharel em Fisioterapia – Universidade Tiradentes. Especialista em Docência no Ensino Superior (FASE); Gestão em Saúde Pública e da Família (FANESE); Biomecânica e Cinesioterapia Funcional (UNIT);

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica qualitativa sobre a aplicação de práticas motivacionais frente ao aluno indisciplinado através da relação professor-aluno na educação superior e a influencia que esta relação exerce sobre o comportamento e a aprendizagem do aluno.

Para Bueno (2000), indisciplina deve ser entendida como: “Desobediência, rebelião, insubordinação.” Dessa forma se percebe que a manifestação dos alunos através de atos de indisciplina tem crescido de forma brusca e assustadora, sendo assim ao analisar o processo educacional e seus fracassos não é difícil encontrar referências ao aluno indisciplinado como sendo um dos causadores desse insucesso no processo educativo. Portanto, quando se trata de alunos indisciplinados deve-se buscar uma atuação mais incisiva do educador no sentido motivador da investigação ao conhecimento.

A relação professor-aluno, a influência da gestão educacional nessa relação, o ato de motivar e ser motivado é um tema instigante, como todas as questões que se referem ao ser humano. A necessidade de compreender melhor essas relações e o fato de em algum tempo sermos um dos sujeitos dessa relação e, portanto, sofreremos as benesses e as agruras dela advindas, leva a procurar os fatores que a condicionam, esse fato ajuda a perceber que a responsabilidade de gerenciar a qualidade dessa relação não depende só desses dois sujeitos - o aluno e o professor, mas também de todo o contexto institucional.

Para tal relação identificamos e efetivamos os agentes envolvidos em dada construção. A relação aluno-professor, bem como a relação aluno-aluno, implicará na vivencia da edificação do saber. A indisciplina englobada neste cotidiano perpassa pela teoria de LEWIN (1965) sobre campo de forças que geram mudanças. Tais mudanças devem ser observadas e utilizadas como agente motivador, ora visto pelo prisma pedagógico empregado pelo docente na disseminação de conhecimento no meio sócio-educacional.

Educar é muito mais que transmitir conhecimentos, é trabalhar com pessoas e cada um tem seus anseios, sonhos e personalidades diversas. As práticas motivacionais pedem que a auto-estima e o potencial dos alunos indisciplinados sejam trabalhados, isso tudo visando proporcionar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e agradável.

Dentro desse contexto a indisciplina em sala de aula apresenta-se hoje, como um dos maiores problemas da escola atual. O papel do professor, tradicionalmente confinado à

transmissão de conhecimentos, teve de evoluir e o professor tem hoje de ser um gestor da sala de aula, um organizador da aprendizagem, detentor de um conjunto de competências.

Sendo assim, identificar a aplicabilidade da motivação pelo professor aos alunos indisciplinados do ensino superior, de forma a dirimir as questões e manter o aluno motivado através de uma didática aprimorada que lide com desmotivações causadas por indisciplina.

2. MOTIVAÇÃO

Segundo Abraham Maslow (1973), o homem se motiva quando suas necessidades são todas supridas de forma hierárquica. Ele organiza tais necessidades da seguinte forma: auto-realização, auto-estima, relacionamentos sociais, segurança, funções fisiológicas.

Para Frederick Herzberg (1959), a motivação é alcançada através de dois fatores: Fatores higiênicos que são estímulos externos que melhoram o desempenho e a ação de indivíduos, mas que não consegue motivá-los. Fatores motivacionais que são internos, ou seja, são sentimentos gerados dentro de cada indivíduo a partir do reconhecimento e da auto-realização gerada através de seus atos.

David McClelland (1987) identificou três necessidades que seriam pontos-chave para a motivação: poder, afiliação e realização. O mesmo acredita que tais necessidades são “secundárias”, adquiridas ao longo da vida, mas que trazem prestígio, *status* e outras sensações que o ser humano gosta de sentir.

Entretanto, é o motivo que nos coloca em ação, essa é a etimologia da palavra motivação (CUNHA, 2001). Em distintas situações vividas a motivação nos leva a modificar o meio; sendo pessoal, ou profissional tal mudança ocorre para ressaltarmos a ação que nos leva ao real motivo, sendo então complementar o simples ato de motivar.

Dessa forma, a motivação é um processo mental positivo que estimula a iniciativa e determina o nível de entusiasmo e esforço que a pessoa aplica no desenvolvimento de suas atividades. O processo motivacional é responsável pela intensidade, direção e persistência desses esforços.

O nível de motivação é influenciado por diversos fatores como a personalidade da pessoa, suas percepções do meio ambiente, interações humanas e emocionais.

Para Herzberg (1997), o comportamento pode ser influenciado através do condicionamento ou da motivação. O condicionamento pode acontecer de maneira positiva ou

negativa. A positiva é aquela onde o resultado é obtido através da obtenção de prêmios, fazendo com que tal atitude gere um dano interno ao aluno, uma vez que o mesmo fica condicionado a apresentar bons resultados em razão de obter algum benefício dado pelo professor e a negativa é aquela gerada em função de punições, ou seja, o aluno realiza a atividade, pois se assim não o fizer será punido de alguma forma pelo professor.

Dessa forma, percebe-se o professor como fator externo para gerar motivação ao aluno. Para se gerar tal motivação o comportamento do professor e a idéia que se possui do seu papel dentro do processo motivacional e o seu comprometimento com ele é figura determinante para os resultados que serão obtidos dentro da sala de aula.

O processo educacional nos dias de atuais vem sofrendo grandes modificações, principalmente na idéia do processo de integração professor/aluno, professor/escola, escola/aluno. Ensinar e aprender, aprender a aprender, aprender a ensinar são palavras de ordem aplicadas ao limite por pedagogos e psicopedagogos que se dedicam às questões educacionais com o objetivo de apontar caminhos para a melhoria da prática pedagógica.

A presença de diversas teorias educacionais finda por possibilitar ao educador uma maior consciência sobre os fatores que influenciam a aprendizagem, das situações que abrangem a relação ensino/aprendizagem, oferecendo assim maior subsídio para que o professor possa avaliar, analisar e compreender as necessidades e interesses de seus alunos, tornando-se capaz de motivá-los e ajudá-los a desenvolver suas potencialidades.

Nessa perspectiva surgem as idéias de Carl Rogers, psicólogo, que ao aplicar as suas idéias no campo da psicologia à educação, leva o educador a entender o aluno como centro da aprendizagem, no qual o professor passa a ser um facilitador da aprendizagem do aluno, trabalhando em um ambiente que leva em considerações fatores de liberdade e cooperação que traz o aluno ao centro dos questionamentos.

Segundo o psicólogo, com esse comportamento o educador passa a ter consciência de suas atitudes, compreendendo as atitudes, sentimentos e reações dos alunos, enxergando-o como pessoa real e “não a encarnação abstrata de uma exigência curricular ou um canal estéril do qual o saber passa de geração em geração” (1991, p.265).

Dessa maneira, a capacidade motivacional do professor e o seu comprometimento com a aprendizagem dos alunos causariam uma maior motivação e comprometimento do aluno que se sentiria incluso no processo educacional.

3. ALUNOS INDISCIPLINADOS

Nos dias de hoje é crescente a manifestação dos alunos através de atos de indisciplina e ao analisar o processo educacional e seus fracassos não é difícil encontrar referências ao aluno indisciplinado como sendo um dos causadores desse insucesso no processo educativo.

O aluno tido como problemático é, em geral, classificado como aquele que possui algum “distúrbio psico/pedagógico”; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva, ou seja, o dito distúrbio de aprendizagem ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de atitudes que são taxadas como “indisciplinadas”. Assim, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, representando os dois grandes males da escola contemporânea, geradores do fracasso escolar, e os dois principais obstáculos para o trabalho docente.

Um procedimento indisciplinado é qualquer ato ou supressão que contraria alguns títulos do regulamento interno ou regras básicas estabelecidas pela escola ou pelo professor ou pelo grupo. A desmotivação dos alunos e o desapego mencionam por aquilo que se anseia ensinar ou qualquer outro comportamento impróprio, por vezes não são mais do que chamadas de atenção ao professor sobre os seus artifícios de ensino ou sobre as estratégias de semelhança na aula. O professor deve ser explícito e justo na transação do contrato que é feito com os alunos e a corrupção das regras pode atentar em indisciplina.

Uma pergunta que nos vem à tona ressalta em parecer-nos urgente trazer à consciência dos professores que alvedrio e domínio não formam necessariamente um antagonismo e sim que deveriam estar equilibradas, porém, equilibradas entre vários tipos de liberdade e autoridade.

Moldar o panorama desta realidade depende de práticas docentes atuais, embasadas na motivação educacional.

Não raro dentro do meio acadêmico serem proferidas alegações do tipo “se o aluno aprende, é porque o professor ensina; se ele não aprende, é porque não quer ou porque apresenta algum tipo de distúrbio, de carência, de falta de pré-requisito”. Ao contrário, quando o aluno aprende, o sucesso de sua aprendizagem é diretamente relacionado com a atividade do professor, ora difícil de entender como o sucesso é uma atividade conjunta, fruto da relação aluno/professor e o fracasso é responsabilidade exclusiva do aluno, retirando qualquer responsabilidade acadêmica, ou melhor, se seguissemos essa linha de raciocínio o processo pedagógico não possuiria qualquer responsabilidade na aprendizagem do aluno

indisciplinado, sendo somente de sua responsabilidade aprender ou não. Atribuindo assim ao aluno indisciplinado a responsabilidade pelas falhas no processo pedagógico de aprendizagem.

Para o professor comprometido e motivado em suas atividades pedagógicas, os alunos indisciplinados são vistos como oportunidade de exercer sua atividade de educador e atingir a excelência como profissional, pois é na existência de uma situação-problema que surge a oportunidade para o professor equacionar e suplanta-la, no exercício profissional de qualidade.

4. RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Para Roncaglio (2004), a relação professor-aluno na educação superior, é compreendida como aquela que se constrói no cotidiano universitário, que se estabelece entre o professor e o aluno, com regras acerca do comportamento esperado de ambos. Esta relação está sujeita as normas, escolhas pedagógicas, objetivos, critérios de avaliação, enfim, convenções que nem sempre são estabelecidas só pelos professores e alunos, mas também pela gestão do curso, e muitas vezes, pela legislação vigente no País.

Parece haver consenso entre os professores que o mais importante no Ensino Superior é conseguir que o aluno aprenda. Mas há outro aspecto muito importante a ser considerado, que é o do relacionamento que se estabelece entre professor e aluno. Ainda há aqueles que não consideram muito importante o relacionamento com os alunos no processo didático. A relação com o saber na sala de aula mediante “uma verdadeira negociação do contrato didático”, requer do professor a vontade e a capacidade de escutar os alunos, de ajudá-los a formular seu pensamento e de ouvir suas declarações (GIL, 2008).

A relação professor/alunos é um aspecto fundamental para alcançar os objetivos do processo de ensino. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma que é conduzida a aula (LIBÂNEO, 2004).

É necessário, antes de o professor procurar soluções para os problemas decorrentes do comportamento desses alunos, considerar também o que eles próprios vêm fazendo em classe e em que suas atitudes podem contribuir para a ocorrência daqueles comportamentos (GIL, 2008).

A relação professor/aluno responde em boa parte pelo chamado aprendizado não intencional. Onde os alunos aprendem muitas outras coisas além daquelas que os professores esperam que aprendam. Isto porque os professores também ensinam outras coisas além daquelas que se propõem a ensinar. Mas não podemos esquecer que o professor também pode aprender com o aluno, que é possível haver uma troca de conhecimentos, uma vez que possuem saberes diferentes. Podem ensinar e aprender um com o outro. Sem ambos o processo não acontece.

Deve-se levar em consideração na relação professor aluno que embora os dois sujeitos ocupem posições opostas eles fazem parte de um mesmo universo educacional, Por isso quando há interação entre os sujeitos dessa relação o centro do processo educacional/educativo acontece, extrai-se de tal assertiva que o processo de aprendizagem é fruto dessa relação somente ocorrendo quando os sujeitos interagem com eficácia. Assim faz-se mister que a relação professor/aluno seja vista por outros ângulos que não o tradicionalista que por longo período foi utilizado de forma dominante na prática pedagógica, não só nos níveis secundários da educação, como também no ensino superior. Em outros termos, é preciso superar a relação tradicional entre professor e aluno que imperou por muitos anos na prática pedagógica, e ainda impera em alguns contextos de ensino em todos os níveis, inclusive no superior. A aplicação de uma prática educacional que leva em consideração todo o universo sociocultural e psicológico do aluno torna-se uma prática extremamente eficaz, uma vez que desenvolve na relação professor/aluno um processo comunicativo que facilita a aprendizagem. Tal relação vem sendo aplicada cada vez mais nas salas de aulas, embora ainda existam aqueles adeptos do método tradicionalista.

Em quase todas as classes é encontrado um ou mais alunos cujo comportamento é visto como prejudicial para o desenvolvimento das aulas. É natural que os professores admitam que o problema está nos estudantes. A atuação desses alunos costuma ser desgastante para o professor e contribui para que ele não se sinta à vontade em classe, trazendo sérios prejuízos para a aprendizagem dos alunos (GIL, 2008). Percebe-se que cabe ao professor a decisão de determinar como se dará o processo de construção do conhecimento. Ao aluno, cabe acatar as decisões docentes, estudar, aprender e provar que aprendeu e é capaz de produzir conhecimento.

O processo educativo é, antes de qualquer outra coisa, uma relação entre seres humanos, que está permeada pelo conjunto de valores, práticas sociais, costumes e tradições que fazem parte de cada sujeito envolvido neste processo.(...) Docentes e discentes não deixam de ser quem são ao entrarem na sala de aula e, justamente, em função disso é que aparecerão as

diferenças que, se bem aproveitadas, podem resultar em mais produtividade no processo educativo ou, então, em obstáculo (SANTOS, 2009 p. 2).

Convém considerar que os problemas interpessoais envolvem pelo menos duas pessoas, e por isso, muitos dos problemas identificados pelos professores não podem ser unicamente do aluno. Designá-los como problemáticos pode ser uma simplificação capaz de prejudicá-los. Se um professor admite que determinado aluno é problemático, é provável que seu relacionamento com ele seja afetado por essa percepção inicial (GIL, 2008).

O professor na educação superior também é modelo para os alunos. É necessário que o professor se conscientize desse fato, pois, muitas vezes, o educando o segue sem nenhuma reflexão sobre a sua postura de docente ou pessoa, o que imprime maior responsabilidade à sua prática de mestre. É importante que seu discurso seja coerente com a sua prática. A relação professor-aluno é caracterizada pela troca de influências entre individualidades distintas, o que permite que se estabeleça um vínculo de dependência entre ambos.

5. A POSTURA MOTIVACIONAL DO PROFESSOR

Motivar é um desafio do professor contemporâneo. O processo que se desenvolve no interior do indivíduo e o impulsiona a agir, mental ou fisicamente, em função de algo. O indivíduo motivado encontra-se disposto a despender esforços para alcançar seus objetivos (NÉRICI, 1993).

Segundo Campos (1987), motivar é uma condição interna, relativamente duradoura, que leva o indivíduo ou que o predispõe a persistir num comportamento orientado para um objetivo, possibilitando a satisfação do que era visado.

Entender e mediar torna-se também uma atividade inserida no labor do docente. Segundo Davis *apud* Carvalho (1997), ao contrário do que muitos professores podem pensar negociar, buscar normas que satisfaçam o coletivo e que contemplem a relação professor/aluno não significa abrir mão da autoridade. Significa apenas abrir mão do autoritarismo. A prática pedagógica autoritária acaba gerando situações de conflito, prejudicando o relacionamento de professor e aluno (FLEURI, 1997).

Imperioso se faz uma reavaliação de alguns pensamentos pedagógicos, de algumas supostas verdades que acabam servindo apenas para justificar o fracasso educacional, ao invés de alterar a realidade estudantil e do profissional em formação, em vez de auxiliar o professor, acabam sendo apenas justificativas para o fracasso escolar, ao invés de alterar a pedagogia aplicada.

Em se falando da indisciplina, pode ser observado que as classificações e os conceitos utilizados para classificar e justificar o fenômeno disciplina ao invés de resolver a questão acaba por reavivar e reiterar alguns preconceitos, vários falsos conceitos e justificativas para o fracasso e exclusão escolar. Ao passo que atividades concretas para uma mudança real são muito raras.

A idéia do aluno desrespeitador, sem-limites, desinteressado são levadas a cabo e formam um conjunto de conceitos falsos e que na maioria das vezes acabam por falsear a realidade.

Ao professor comprometido cabe, na busca da motivação do aluno tido como indisciplinado, lembrar-se que o conhecimento é seu objetivo exclusivo de atuação e que essa é puramente pedagógica. Assim, o professor deve preocupar-se com a relação aluno/aprendizagem e não com moralização de hábitos.

É na sala de aula e somente nela, que os conflitos gerados devem ser administrados. Retirar o aluno desse contexto em nada resolve, afinal é dentro deste contexto que acontece o processo educacional e é gerenciando os conflitos dentro desse universo que pode o professor atingir sua excelência profissional.

A relação pedagógica criada entre o professor e o aluno deve ser explícita, muitas vezes as regras de convivência que orientam o andamento da sala de aula e do processo de conhecimento encontram-se de forma velada dentro da relação professor/aluno, é imperioso que tais regras sejam expostas, conhecidas e exercitadas por todos os envolvidos no processo de construção do conhecimento, mesmo que tenham que ser lembradas ou reformuladas no intuito de obter uma co-responsabilidade de todos os envolvidos e isso só pode se obtido na medida em que todos os integrantes do processo educacional tiverem ciência destas regras, do funcionamento das mesmas para que possam ser compartilhadas e, quando possível, negociadas. No momento em que o aluno se sente incluído nesse processo ele tende a sentir-se solidário, parceiro, incluso no contexto geral da sala de aula e assim a indisciplina passa a dar à participação e o aluno torna-se um aliado, um companheiro do professor no processo de conhecimento.

Na medida do possível, o professor, ao se comunicar com os alunos, deve enfatizar aspectos curriculares em detrimento de aspectos relacionados com comportamentos inadequados, porque se verifica que se o professor centrar a sua atenção nos comportamentos indisciplinados, estes passarão a ocorrer com maior frequência, pois os alunos percebem rapidamente que esta é uma forma de chamar a atenção do professor para si (DOYLE, 1986; EMONTS; PIERON, 1988).

Por esse motivo é importante que nas primeiras manifestações de indisciplina ou provação, o professor, como autoridade, analise e resolva prontamente o problema, sem responder em um tom provocatório (SAMPAIO, 2002), considerando que “ter autoridade” não é sinônimo de “ser autoritário”. O primeiro significa ter o domínio da situação, fazendo-se obedecer através da sua influencia e prestígio perante os alunos, enquanto que “ser autoritário” é ser impositivo e até agressivo em algumas decisões, procurando se afirmar à custa do medo dos alunos de sofrer algum tipo de punição (VALLE, 1995)

Autoridade e respeito são atitudes que implicam em mútua aceitação entre professores e alunos, necessária não só para o bom rendimento da aprendizagem, mas também, e principalmente, para o desenvolvimento da disciplina internalizada dos alunos.

Muitas vezes, a motivação dos alunos para se empenharem em determinadas atividades e se conscientizarem de que a disciplina é um processo coletivo necessário para o desenvolvimento de um trabalho em grupo harmônico e produtivo, não depende somente do professor alterar a metodologia adotada ou definir regras de boa convivência. É preciso, também, tentar modificar o vínculo professor/aluno, a fim de promover a transformação do espaço educativo em espaço de confiança e aprendizagem.

O processo de ensino/aprendizagem requer que se desenvolvam simultaneamente dois traços: disciplina e motivação. Parte do que se aprende na escola é disciplina de trabalho, isto é, o hábito de fazer o que precisa ser feito, apesar de faltar vontade, sobrar desconforto e haver a atração de coisas mais interessantes.

Por outro lado, se o professor conseguir desenvolver em sala de aula atividades adequadas que promovam a motivação do aluno, terá menos problemas de indisciplina, pois aluno motivado dirige sua atenção e suas ações para a execução da atividade e, conseqüentemente, sobra menos tempo para se envolver em atos que comprometam o desenvolvimento do trabalho e gerem indisciplina. Tarefa complexa para o professor, que precisa ser capaz de perceber as dificuldades e necessidades dos alunos, além de constantemente refletir sobre a sua prática pedagógica e planejar atividades desafiadoras e motivadoras (ECCHELI, 2008).

6. CONCLUSÃO

Atrair-se a homogeneidade da turma é retrógrado, pois a unimutiplicidade cultural é vivenciada no contexto educacional há tempos. Abordar, as diferenças manifestam a fomentação da diversidade implícita no cotidiano educacional, e respeitar conceitos éticos são de extrema importância quando se quer entender as diferenças multiculturais e policomportamentais de uma sociedade.

Não existe uma fórmula para se aplicar ou um roteiro para seguir em sala de aula. O que existe, na verdade, é a criatividade do professor e a sintonia que deverá existir entre ele e os alunos.

De um ponto de vista educacional, destaca-se a importância de determinadas ações do educador para socializar os alunos, tanto para uma motivação definida qualitativamente como em relação a estratégias de aprendizagem.

Somente conhecendo os interesses e necessidades dos alunos é que os educadores podem criar situações que atendam as características de aprendizagem dos estudantes e que garantam a eficácia do seu papel de educador.

Compreender o aluno indisciplinado é perceber que a indisciplina deste não é necessariamente um distúrbio individual e incorrigível, mesmo porque não é raro o aluno ser indisciplinado com certo professor e ser produtivo com outro. O educador deve entender que a indisciplina revela acima de tudo um problema na relação entre o professor e o aluno e que muitas vezes ao interpretar esse problema percebe-se que é um sinal dos acontecimentos dentro da sala de aula.

É fundamental que para motivar o aluno indisciplinado se desconstrua a imagem do aluno ideal, ou de como ele deveria ser, como deveria agir, ou o que deveria fazer e passe a enxergar o aluno como ele realmente é e principalmente que é este que carece do educador tanto quanto este carece do aluno, dentro da profissão.

Para tanto é necessário que o educador não esqueça que seu objetivo é o conhecimento e sua atividade precípua de transmiti-lo, se o educador não possui clareza de seu objetivo e de sua atividade dentro da sala de aula, ou seja, do seu papel, a probabilidade é que o aluno também não enxergue com clareza a sua parte dentro da sala de aula. Pode-se dizer que o comportamento do aluno, de certa forma é reflexo da ação do professor. Assim, se existe fracasso esse é de todos, da mesma forma quando ocorre o sucesso escolar.

O educador tem que renovar sempre, lembrando que a sala de aula é lugar privilegiado para aprendizagem. O professor deve de certa forma adequar-se as possibilidades dos alunos, reinventando métodos e a própria relação aluno/professor, para cumprir o trabalho pedagógico.

E por fim, devemos lembrar que não existe fórmula exata para a solução de todas as questões que surgem na sala de aula quando se trata de indisciplina ou de qualquer outro distúrbio, mas a ação dentro da sala de aula deve ser presidida com comprometimento e prazer, pois a tendência é que o aluno perceba e retribua tal dedicação. A idéia não é mostrar que a questão da indisciplina é de fácil solução, mas mostrar que existe um caminho que fará com que o aluno e o professor exercitem seu lugar dentro do espaço da sala de aula.

7. REFERÊNCIAS

AMES, C. (1992). **Classrooms: Goals, structures, and student motivational.** *Journal of Educational Psychology*, 84, 261-271.

AQUINO, Júlio Groppa. **A indisciplina e a escola atual.** Ver. Fac. Educ. vol. 24 n.2 São Paulo jul/dez 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?acrpt=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011> Acesso em: 20/05/2009.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo. FTD, 2000.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 1987.

CARVALHO, P. (1997). **A indisciplina nossa de cada dia.** *Educação*, 23(193), 34-41.

CUNHA, Antonio G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa-** Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2001.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo** – São Paulo: Futura, 1998.

DOYLE, W. **Classroom organization and management.** 3 ed. New York: Mac Millan, 1986.

ECCHELI, S. D. **A motivação como prevenção da indisciplina.** *Educar em revista* nº 32 Curitiba, 2008.

EMONTS, M; PIERON, M. **Analyse des problemes de discipline dans les classes d’éducation physique.** *Revue de L’Education Physique, liege*, v.28, n.1, p.33-40, 1988.

FLEURI, R. M. **Educar para que?** Contra o autoritarismo da relação pedagógica na Escola. São Paulo: Cortez, 1997.

HERZBERG, Frederick. **The Motivation to Work**- John Wiley and Sons. New York, 1959.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª Ed- São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Didática do ensino superior**. 1 ed. 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6ª Ed – São Paulo: Atlas, 2001

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf**. Caminho para um ensino mais humano. São Paulo: Editora Antroposófica, 1998.

LEWIN, Kurt. **Teoria do campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.

MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser**. 2.ed. Nova Fronteira:Rio de Janeiro,1973.

MCCLELLAND, David. **Human Motivation**. Cambridge Univ. Press: New York, 1987.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Didática**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 1993

PETINARAKIS, Jean-Paul; GENTILI, Félix; SÉNORE, Dominique. **Discipline et autorité**. Fayard, 1997.

PINTO, Aline Dárcia Castro; SANTOS, Maíra Melo dos. **Relação professor-aluno no processo educacional do ensino superior**. Belém, 2002. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/bibdigital/onografia/RELAÇÃO_PROFESSIONAL?SSOR_ALUNO_PROCESSO_EDUCACIONAL_ENSINO_SUPERIOR.PDF> Acesso em 20/05/2009.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa**. Livraria Martins Fontes: São Paulo, 1980.

RONCAGLIO, Sônia Maria. **A relação professor-aluno na educação superior**: a influencia da gestão educacional. Psicol. Cienc. Prof. V. 24 n.2 Brasília jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200011&lng=pt&nrm> Acesso em: 03/06/2009.

SAMPAIO, D. **Indisciplina: um signo geracional?** Cadernos de Organização e gestão escola. V.6, n.2, 1999. Disponível em: <<http://www.iie.min-edu.pt/biblioteca/ccoge06/cap2.htm>> Acesso em: 27/05/2009.

SANTOS, Robinson dos. **Três relações fundamentais no ensino superior**. Rev Iberoamericana de Educación (ISSN:1681-5653). Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1074Santos.pdf>> Acesso em: 20/05/2009.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2005.

VALLE, Maria Cristina Carreira do. **Padrões de comportamento disciplinares do aluno:** dificuldades associadas aos processos internacionais no cotidiano escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 1995.